Suplemento Literário de Mato Grosso
Nódoa no Brim
>>TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
16 de ABRIL DE 2019 - EDIÇÃO 61 | ISSN 2645-8072

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias-Pino

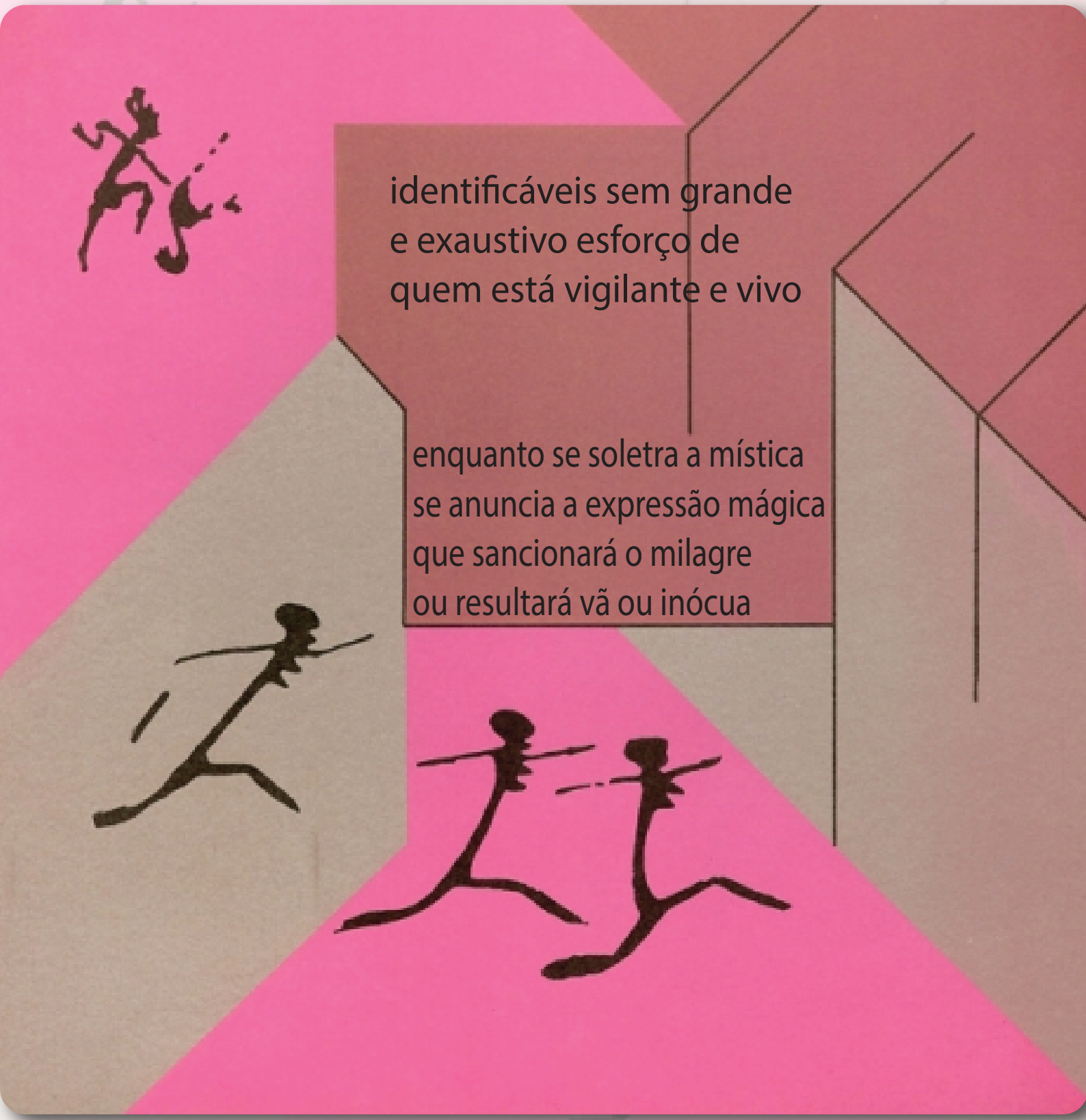
PRÉ-HISTÓRIA:
UMA LEITURA PROJETADA

(Coleção Enciclopédia Visual)

WLADEMIR DIAS PINO
(leitura gráfica)

EDIÇÃO
Europa

Europa Empresa Gráfica e Editora
Rua Riachuelo, 109 — Rio de Janeiro-RJ
CEP 20230 — Tel.: 224-3043



DIVANIZE CARBONIERI, ***GRANDE DEPÓSITO DE BUGIGANGAS***

REMINISCÊNCIAS DE CUIABÁ, A COLCHA DE RETALHOS, DE/COM DUNGA RODRIGUES

MARIA ELIZABETE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

Apresento Maria Benedita Deschamps Rodrigues, doravante Dunga Rodrigues (1908-2002), mulher professora, musicista, jornalista, historiadora, contadora de histórias e escritora em/de Mato Grosso.

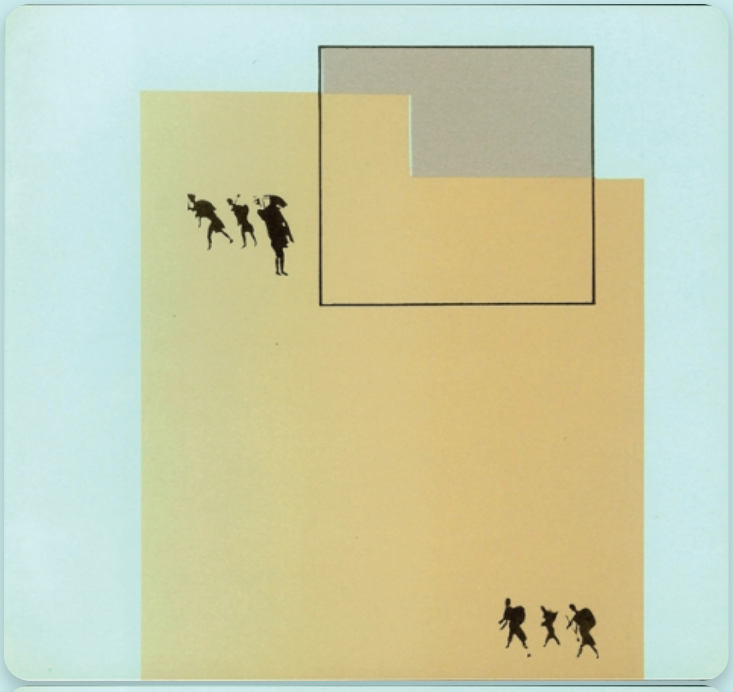
Farei apenas um pequeno recorte de aspectos do livro Reminiscências de Cuiabá, escrito por ela em 1969 e que apresenta um rizoma da cultura da capital do estado, publicado em comemoração aos 250 anos da cidade (fundada em 8 de abril de 1719, nesse ano de 2019, a cidade completou 300 anos). A autora passeia e descreve livremente a forma como elementos históricos, literários, jornalísticos estavam aliados à vivência do povo e, de certa forma, apresenta uma Cuiabá onde o bem viver e a hospitalidade dão substratos àssuas reminiscências. Memórias que permeiam por entre diversos caminhos percorridos por ela, desde a típica culinária cuiabana aos aspectos políticos que modificou a arquitetura da cidade e a vida dos seus habitantes.

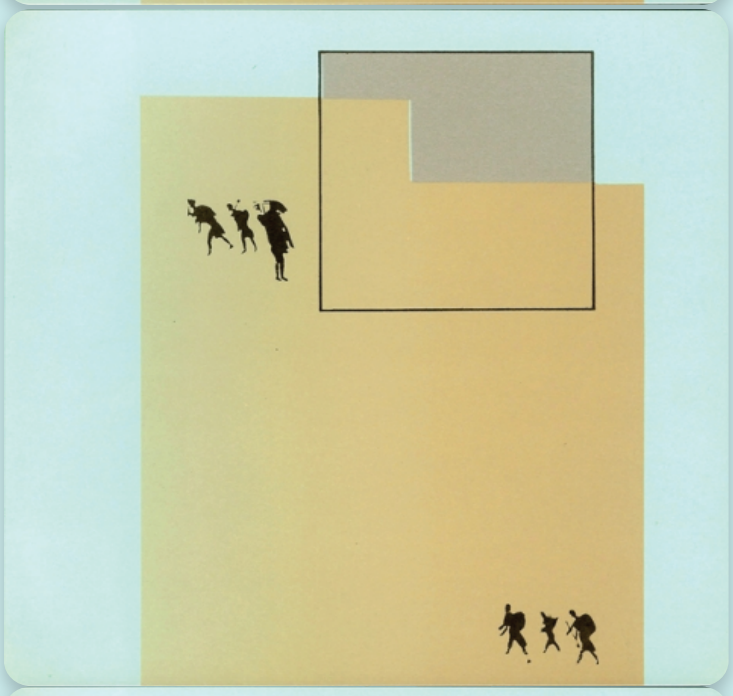
Nesse viés, no ano de 2000, Dunga publica um livro de contos intitulado: **Colcha de Retalhos**, onde recupera diversos fragmentos e temas do seu primeiro. No entanto, na expressão utilizada neste momento, reforço que os sentidos atribuídos à colcha de retalhos são mais efetivos, pois não se trata de retalhos produzidos com a mesma configuração estética como no livro citado, que trata de diversos contos que têm como cenário principal a vida cotidiana dos habitantes da cidade de Cuiabá, mas de uma produção realizada por meio de recortes descontínuos da memória que também apresenta a vida cotidiana da cidade, porém a estrutura dos textos apresentados é diferenciada: contos, lendas, curiosidades, receitas culinárias, informações.

[1] *DOUTORA EM ESTUDOS LITERÁRIOS/UNEMAT-UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. SEDUC/CEFAPRO-MT.*

Ressalto na obra, a dedicatória à mãe Maria Rita Deschamps Rodrigues que, em produções posteriores, é citada como uma mulher rígida e não tão afetuosa quanto o pai Firmo Rodrigues. No entanto, no momento da produção dessa obra, a mãe com 88 anos de idade e, de acordo com a dedicatória, foi quem lhe ofereceu grande parte das histórias descritas. Esta informação da autora reforça elementos de que as histórias são a colcha de retalhos que aquecem na velhice. Gaston Bachelard (2005) aborda que as histórias/memórias/reminiscências são os cobertores da velhice, são elas que nos aquecem do frio solitário e gélido dessa fase da vida humana. O que justifica o título **REMINISCÊNCIAS DE CUIABÁ, A COLCHA DE RETALHOS, DE/COM DUNGA RODRIGUES**, com o qual apresento traços das memórias da autora que percorrem os labirintos de uma cidade em processo de modernização.

Dunga Rodrigues publica o primeiro livro após ter contribuído por mais de quatro décadas no jornalismo em Cuiabá, portanto, em um momento de amadurecimento intelectual, o que justifica nossa arguição de que a composição de reminiscências é um rizoma de suas produções posteriores e, talvez, justificado pela dificuldade de publicação na época, especialmente ao tratarmos de uma produção escrita por mulher. Assim, a autora oferece pistas no primeiro livro de tudo que publicaria de forma mais densa posteriormente.





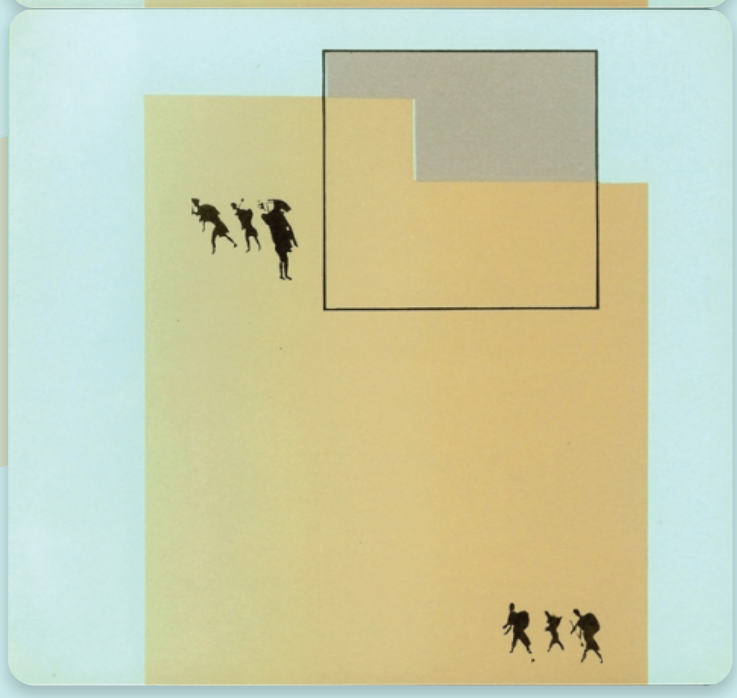


Fig. 01: Vista de Cuiabá na década de 60
Fonte: Casa Barão de Melgaço/Cuiabá

O livro reforça o perfil historiográfico da autora ao trazer em suas primeiras páginas uma listagem dos periódicos jornalísticos veiculados na capital de Mato Grosso, bem como notas das primeiras sociedades criadas em Cuiabá. Neste contexto, Dunga apresenta a "Associação Literária Cuiabana, fundada a 21 de outubro de 1884" (RODRIGUES, 1969, p. 26). Associação que deu fôlego à fundação do Centro Mato-grossense de Letras, Academia Mato-grossense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grossoe que neste ano festeja seu centenário .

Dunga Rodrigues descreve a criação dessas instituições e mostra que é possível olhar a cidade de Cuiabá por meio uma lente que não só representa o seu tempo, mas também os de outros pesquisadores que a antecederam e deixaram registros da gênese da sociedade cuiabana. Afirmativa que se pauta, especialmente, no trabalho da autora enquanto pesquisadora,sobre aspectos da cultura cuiabana que poderiam cair no esquecimento. A este respeito destacamos que Dunga Rodrigues aponta que em 1877 diversas peças teatrais eram encenadas em praça pública na cidade de Cuiabá, incluindo óperas e comédias.

Outra parte importante do livro é a descrição da culinária em Cuiabá, referenciada em outras produções da autora, mas não de forma tão descritiva a ponto de apresentar as receitas de licores, biscoitos, bolos, entre outras. Observamos que tais guloseimas, embora apareçam abruptamente, acentuam o perfil amoroso da autora com a sua gente e com características peculiares da cidade de Cuiabá.

Além das receitas culinárias, a abundância das histórias dos becos existentes na cidade desfila na obra, totalizando vinte e sete pequenas narrativas, descritas com o humor e a sagacidade de uma escritora de *Tchapae Cruz. Com uma linguagem simples e envolvente, Dunga conduz o leitor a espaços onde a sinestesia faz-se presente. Com um perfil zombeteiro e peculiar aponta as histórias dos becos, destacando que a arquitetura colonial respira humanidades e não se trata apenas de um amontoado de concreto.*

Assim, evoca a toponímia de Cuiabá em sua origem, ao apontar os nomes dos becos, a evolução e a íntima relação com os habitantes. São 27 becos descritos no primeiro livro Reminiscências de Cuiabá (1969), cada um contendo uma narrativa que os particularizam. Portanto, para Dunga, não se trata apenas de uma construção e/ou rua por onde passam os transeuntes, mas de espaços em que circulam a cultura, os valores e as sensibilidades do povo mato-grossense, recheados de vida, construídos com e pelas famílias que neles residiam:

> *[...] tomar guaraná na loja do Frederico Pedro, no Porto da Barca Pêndulo era tão habitual, como hoje fazer ponto no bar de Bugre e do Internacional.*
>
> *O Beco Sujo também no tempo do 'Ford de Bigode' era prova de fogo para exame de motorista. Aquele que conseguisse entrar no beco e sair de ré, galhardamente, tinha sua carteira de motorista assegurada.*
>
> *Beco do Sovaco. Uma favela de gente pacata, hoje, toma foros de rua civilizada. Como rua de pobre: sem luz, sem água, sem numeração, tramudava aquele odor característico e desagradável donde veio o nome. Este rasqueado tornou-se o hino de aniversário, na época.*
>
> *Este beco era marcado por um chafariz de ferro, onde água jorrava pela boca de um leão. Era lugar de rixas e desavenças pela primazia ao aparar o líquido que abastecia a redondeza [Beco do Costa Campos].*
>
> *Beco do Ponce – que, descendo ao lado da Rua 13, se transformou em Beco de Miraglia, tinha este trecho marcado por um assassinato de grande repercussão social. Menage à Tròis.*
>
> *Beco Largo – Ninguém mais o reconhecerá, contemplando uma das mais urbanizadas vias da cidade: a Avenida Getúlio Vargas.*
>
> *O Colégio S. Sebastião, na travessa da Assembleia, reunia os garotos de elite, os estudantes bem da época. Mas, há uma tendência anárquica que irmana todos os garotos do mundo. É a vitalidade, a alegria de viver, as peraltagens, que felizmente os igualam e os tornam irmãos (RODRIGUES, 1969, p. 52 - 78).*

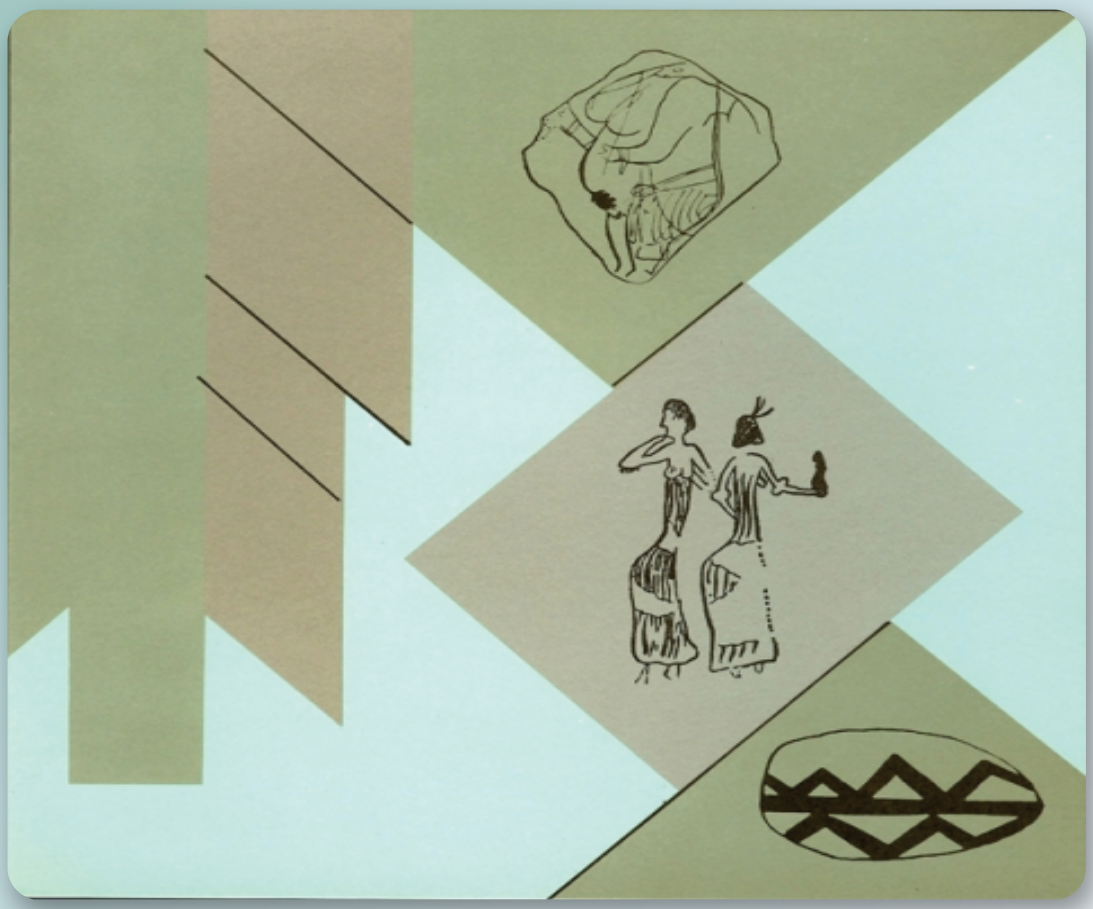


Fig. 02: Família Rodrigues
Fonte: Casa Barão de Melgaço/Cuiabá-MT

A Cuiabá de Dunga Rodrigues não fica circunscrita no tempo vivido, é, também, a Cuiabá do tempo de outrora e a do momento de produção, já que a autora além de fazer a pesquisa da gênese da cidade, observou com atenção o contexto vivido e aponta para a possibilidade do leitor vislumbrar o tempo futuro. Afinal, mudaram-se quase todos os nomes de ruas, constituídas por designações, aspirações e observações coletivas por nomes de acontecimentos jubilosos ou de personalidades políticas que se fizeram importantes na sociedade convencional.

As mudanças, no entanto, só podem ser percebidas se houver conhecimento das articulações historiográficas apresentadas pela autora. Portanto, a história da nomenclatura das ruas, relacionada ao registro das mudanças abordadas, indicam não apenas a alteração do espaço físico, como também a forma como estas influenciaram no comportamento das pessoas.

As novas construções foram, aos poucos, mostrando a emergência de uma nova elite, constituída por negociantes, tanto nativos, quanto de outras regiões do país, os quais transformaram a paisagem, os modos de vida e as práticas socioculturais do povo. As alterações dos nomes das ruas, segundo as narrativas de Dunga, aniquilaram, de certa forma, a memória cultural da cidade, já que o ato de mudança dos nomes individualizou-as de forma a contemplar outros valores pautados no capitalismo. Há, desse modo, nos nomes das ruas de Cuiabá, com efeito, uma demarcação de territórios com base em uma identidade social e política que contribuiu para o apagamento da memória coletiva.

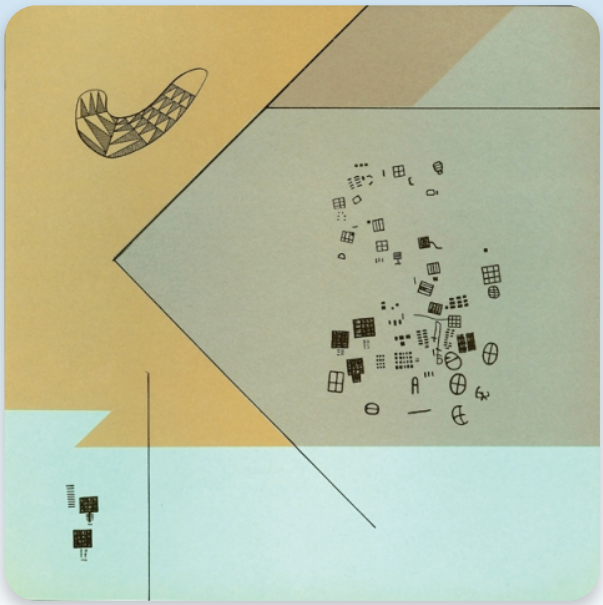
Evidenciando ainda aspectos relevantes da cultura cuiabana, Rodrigues apresenta as festividades que aconteciam na cidade de Cuiabá, com descrições não meramente apresentadas como fatos informativos e/ou históricos, mas alinhavadas com a perspicácia de uma autora que sabia com sutileza costurar as diversas histórias de seu tempo com outros momentos históricos por ela pesquisados. Assim, também, passeiam outros temas que são fundamentais para conhecermos a cultura da cidade, como: as festas religiosas, os velórios em versões jocosas, os batizados coletivos e as visitas de ilustres representantes do país.

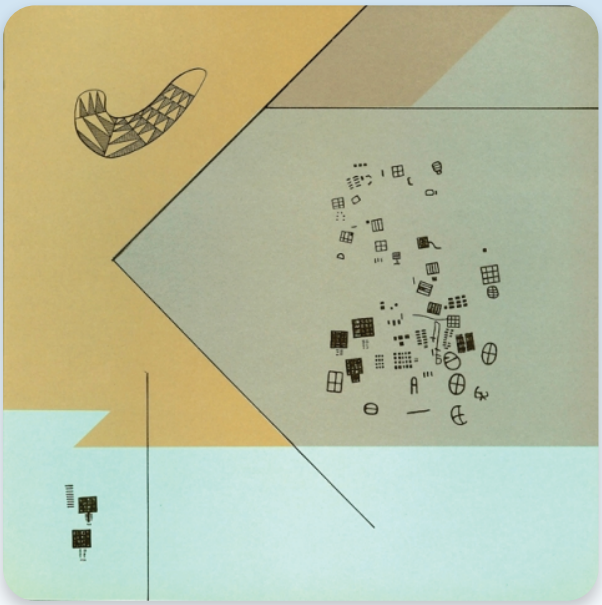
Outra parte importante do livro intitula-se Curiosidades, onde a autora reforça o seu perfil de historiadora, descrevendo não apenas aspectos do momento vivido, mas, especialmente, traz pesquisas de outros historiadores sobre fatos da cultura da cidade que não podem cair no esquecimento porque denotam a memória do povo cuiabano, tais como: iluminação da cidade de Cuiabá; o primeiro casamento civil da cidade; a Criação da Escola Técnica Federal de Mato

Grosso; a instalação dos jesuítas na Chapada dos Guimarães; as primeiras mulheres a sair do âmbito doméstico e se firmarem como profissionais liberais; o primeiro diamante encontrado em Mato Grosso; entre outras raridades que compôs a história de Cuiabá e que não estão descritas em registros oficiais. Para tanto, destaca nestas descrições as datas dos acontecimentos, reforçando a credibilidade de seus registros, sem perder o seu estilo peculiar. Exemplificando o perfil singular da autora, destacamos que ela bruscamente interrompe as descrições históricas e documentais para exerce sua identidade de contadora de histórias, de modo a envolver ainda mais o leitor em seus relatos. Dunga Rodrigues traz ainda uma coletânea de lendas que trazem como cenário a cidade de Cuiabá, de modo a envolver aspectos levantados na história e/ou nas histórias por ela já descritas. Lendas que, posteriormente, vão estar presentes em outros livros de sua autoria.

A estrutura composicional do livro é, no mínimo, curiosa, para não dizer envolvente. Após a descrição das curiosidades e das lendas, Dunga retoma ao subtítulo Curiosidades, que já nos parecia esgotado, como que se tivesse esquecendo-se de aspectos importantes e fosse necessário retomar e/ou para frisar que não se preocupava com as normas e regras composicionais, mas, com a memória da sua cidade e de sua gente. Ou ainda, para reforçar que a memória não é algo linear e uniforme, mas recheada de labirintos e lembranças descontínuas.

A obra finaliza com o subtítulo Última página e convoca o leitor a refletir sobre a imagem negativa que, muitas vezes, é divulgada da cidade de Cuiabá pelos filhos da terra para usar termos da autora. Enfatiza ainda que não se pode comparar a cidade de Cuiabá com as grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo . Esta comparação seria, segundo Dunga Rodrigues, um ato de desamor, dado o contexto da região e, sobretudo, as ações significativas e peculiares que compõem a cultura do estado. Para tanto, destaca que "os pequenos fatos, também, entram em cômputo para o saber local". Com isto sendo dito, pela própria autora de coisas menores, mas tão significativas para o conhecimento da história e, quiçá, da memória da cultura nacional, que leva em conta a diversidade e o respeito às diferenças, reforçamos a importância desses escritos. Reminiscências de Cuiabá é, portanto, uma obra dirigida a todas as pessoas que pretendem conhecer a cultura da cidade de Cuiabá no que ela tem de genuinamente particular. Dunga Rodrigues pega o leitor pela mão, e com ele caminha pelos meandros de uma cidade que ficou invisibilizada pelo olhar unilateral de uma sociedade treinadapela ótica capitalista. Nesse sentido, reforça a importância da memória para que a geração vindouraconheça os interstícios de cidades que respiraram/respiram humanidades que não estão nos registros oficiais, mas no modo simples do narrar histórias desses escritores de margem, de fronteira. Finalizo com uma citação da autora: "triste das metrópoles planejadas, que já nasceram adultas, sem passado e sem história para contar" (RODRIGUES, 1969).





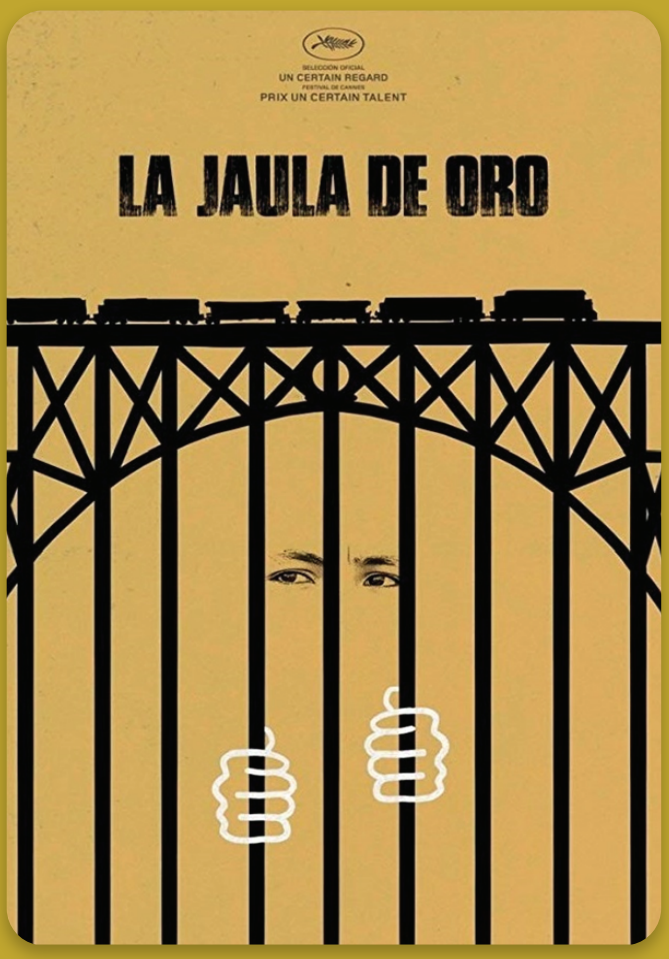
LA JAULA DE ORO (2013)

Luan Paredes Almeida Alves

Do cineasta mexicano Diego Quemada-Díez, o filme de 2013, La Jaula de Oro, parte de uma premissa há muito consolidada — imigração ilegal rumo aos Estados Unidos — para ressignificar, em seus próprios termos, a necessidade mais básica de todo ser humano imerso num contexto de enormes privações: a busca por uma existência minimamente digna. Todavia, assim como a vida é uma jornada incerta, o destino daqueles que optam pela diáspora moderna também sofre com as intempéries de um desfecho cruel e injusto, ou até mesmo, quem sabe, de um final feliz. A dúvida que paira sobre o desenrolar é que nos motiva a acompanhar o passo a passo dos que se lançam à sorte em um futuro que, nesse contexto, funciona como fio condutor e também como única alternativa.

A câmera treme. O cenário é desolador. No centro, um jovem guatemalteco anda sem olhar para frente por um subúrbio constituído pela miscelânea de casas tortas, crianças ao léu, animais soltos, sujeira, pobreza e repressão policial. Do outro lado, uma moça anônima corta o seu cabelo e enfaixa os seios para esconder o seu sexo. Mais adiante, outro rapaz faz as malas, esconde um pouco de dinheiro e sai do barracão pequeno que divide com a família. Os primeiros segundos do filme já nos mostra de imediato a crua realidade em que os protagonistas estão inseridos. Osvaldo (Sara), Samuel e Juan, juntos ao indígena Chauk, que não fala espanhol, portanto não conta com a comunicação verbal como forma de expressão no filme, percorrem longas distâncias para chegar à fronteira. Dado a partida inicial, muitos acontecimentos determinam o desenlace e as reviravoltas do enredo. Mas é claro que nessa marcha, nem todos os personagens irão até o fim. A artimanha do disfarce de Sara como Osvaldo não passará despercebida e a realidade da mulher em um estado de exceção acabará por se afigurar da pior maneira possível.

A decisão de voltar ou continuar adeja sobre eles o tempo todo. Nenhuma opção é fácil. Logo o quarteto vira trio com a rápida desistência de um dos rapazes ainda no primeiro ato. Os personagens fazem de tudo para sobreviver na linha ferroviária e nas cidades que precisam atravessar para, enfim, viver o sonho americano. Porém, como disse Juan, o mais comprometido do grupo, apenas os espertos não ficam para trás. Esse adágio, dito de maneira tão casual, acaba por ironicamente selar o resultado da luta deles na fronteira. A partir desse mote, a narrativa fílmica tem um desfecho denso e até certo ponto trágico, mas que não se distancia em nenhum momento da realidade dos imigrantes que tentam chegar ao solo estadunidense. Mesmo de premissa simples, a maneira como o diretor introduz a saga desses retirantes, a forma como eles tomam decisões e tentam a todo custo alcançar seus objetivos passa longe de ser algo simplista. O jogo de câmera, os atores com diálogos verossímeis e os próprios vazios, criam um jogo instigante que satisfaz e também traz uma certa apreensão, pois no fundo sabemos que aqueles acontecimentos não estão longe da realidade, por mais que estejam sob um filtro ficcional. Nesse ínterim, para a sugestão deste mês, La Jaula de Oro é um filme feito para os que buscam uma obra audiovisual que foge aos clichês hollywoodianos e que se apresenta repleta de imagens e ações de natureza desnuda, convincente e com uma alta carga emotiva.



UMA FISSURA NO ABISMO: DONA, DE LUCIENE CARVALHO

Samuel Lima

A poética de Luciene Carvalho instaura-se de imediato como uma via de mão dupla. Intensa, sinuosa e repleta de encruzilhadas que convergem para um só caminho: o do íntimo. Em seu Dona (Editora: Carlini & Caniato, 2018), a autora presentifica uma lírica que parece desconhecer medidas, regras ou quaisquer outros meios de parametrização literária. Os poemas que compõem o livro introduzem no leitor o descortinamento de uma pessoalidade que não assola o eu-lírico, mas o ultrapassa, traduzindo, dessa forma, um potente e fragmentado mosaico da intimidade violada que, em certa medida, acompanha a existência de todos nós. Não obstante, a autora constrói, ao longo de toda a obra, um emblemático convite ao seu infinito particular, configurando um abismo alicerçado na própria alteridade do eu-lírico.

Octávio Paz escrevera que a relação da poesia com a linguagem é semelhante à do erotismo com a sexualidade, e, nessa compleição, os versos de Luciene Carvalho experencializam, em determinada proporção, os (des)caminhos do corpo com a ausência do Outro. Em seu poema ironicamente intitulado G, de apenas oito versos, lê-se que "a intimidade é território que preciso construir/ primeiro comigo/ para ver se consigo/ convidar/ o outro pra entrar".

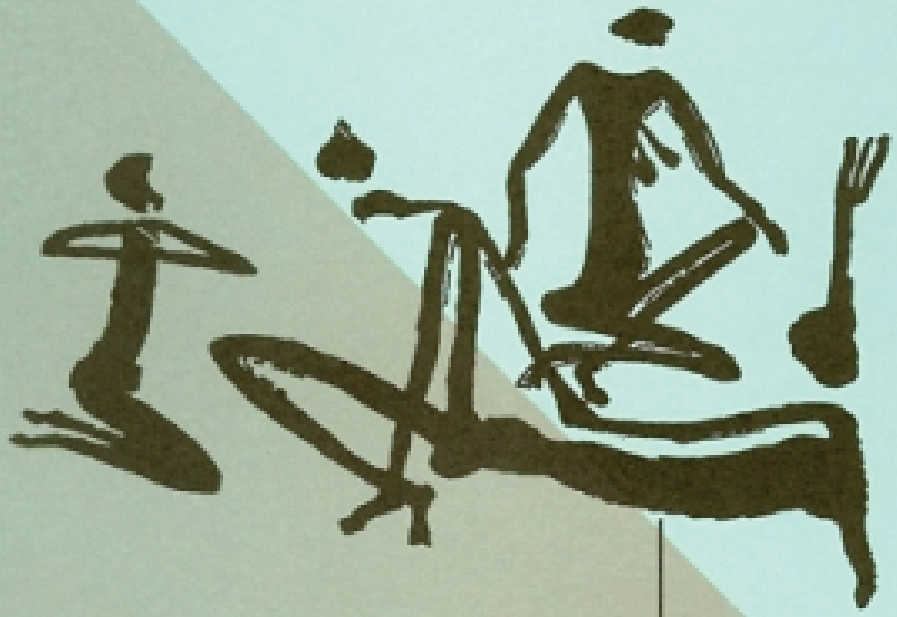
É precisamente nesse território aludido pelo eu-lírico que é possível entrever a potência poética que a autora, nascida em Mato Grosso do Sul, catalisa em seus poemas. Diferentemente de Sumo da Lascívia (2007) livro anterior de Luciene, em que o erotismo engendrava todo o corpo textual dos poemas, em Dona o que surge aos olhos dos leitores apresenta-se como um doloroso e – não menos relevante – inquietante inventário sobre si mesma.

Dona estrutura-se formalmente em cinco capítulos, quais sejam: Espelho; Caixa de Pandora; Chave; Semáforo; e Mandala. Em cada uma de suas partes é perceptível a escolha da autora em traduzir o seu íntimo como um espelho estilhaçado em vários cacos. Aqui, a tônica da enunciação reside no sentimento não apenas afetivo em relação à vida, mas na contemplação que o sujeito Outro consegue estabelecer com aquilo que o cerca, independente da irregularidade da ótica. Em um poema em específico, Abismo, lê-se:

Vejo minha cegueira,
Não vejo nada mais.
Sigo por dias iguais
em que me escondo no tédio
por não ousar o novo
[...]
Até aqui, me esconder é mais seguro
Quando o território é conhecido e sem futuro. (p. 57).

Na simplicidade do cotidiano é apresentada a singularidade do existir, mais especificamente no tédio que percorre a mística desse eu-lírico. O termo território parece demarcar a profundidade de todos os demais poemas de Dona, quase como uma tentativa de fazer-se presente nas feridas que o cotidiano opressor faz no sujeito leitor. Em tese, a ousadia com que Luciene escreve sua obra aparenta uma profundidade e beleza tão raras na escrita poética contemporânea, que a fluidez de seus poemas são perceptíveis e, na maior parte do tempo, singelas e incomum, fazendo com que esse oximoro traduza uma poética do presente, do instante, do monótono dos dias que escorre pelas nossas mãos.

Em Dona, Luciene presenteia os leitores com uma poética que inverte o cotidiano, extraindo desse reverso a profundidade necessária para a investigação do incognoscível. É, sem dúvida alguma, um trabalho bem construído, que carrega consigo o anseio de que seus leitores percorram as suas páginas conectando-se com esse eu-lírico, percebendo nele – e através dele – aquilo que a poesia mais provoca nos leitores: uma fissura. Cabe ao leitor permitir que esse rompimento preencha seu cotidiano, transformando-o em um abismo, mais precisamente na sua própria imensidão.



Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias-Pino
ISSN: 2645-8072
Direção: Walnice Vilalva
Imagens: Enciclopédia Visual Wlademir Dias-Pino/Wlademir Dias-Pino
Criação/diagramação: Edson Santos
Equipe de revisão: Maria Madalena da Silva Dias
Samuel Lima da Silva